

DIPLOMACIA | Portugal

António José Seguro recebeu embaixador dos EUA em audiência



O Presidente da República portuguesa, António José Seguro, recebeu o embaixador dos Estados Unidos em Lisboa, John Arrigo, (esq.) no Palácio de Belém

O Presidente da República, António José Seguro, recebeu no Palácio de Belém, em Lisboa, o embaixador dos Estados Unidos em Portugal, John J. Arrigo, para uma reunião dedicada às relações bilaterais.

"Foi um prazer encontrar-me com o Presidente António José Seguro na nossa primeira reunião oficial para debater a parceria cada vez mais forte

entre os nossos dois países", afirmou o diplomata norte-americano.

Segundo Arrigo, a conversa "reforçou os laços profundos que, há muito, unem os Estados Unidos e Portugal".

Como se sabe, John Arrigo, empresário na área da venda de automóveis na Flórida, foi nomeado pelo atual Presidente norte-americano, Donald Trump. ■

DE 5 A 11 DE OUTUBRO

Portugal na Semana Tech de São Francisco



São Francisco, CA vai ser a "capital" do mundo tecnológico (e com Portugal presente)

Portugal estará representado na SF Tech Week 2026, que decorre de 5 a 11 de outubro, em São Francisco, nos Estados Unidos, segundo um cartaz de divulgação da iniciativa.

A participação anunciada destaca as startups portuguesas e a sua ambição de alcançar

mercados internacionais.

A SF Tech Week reúne a comunidade tecnológica em torno de eventos dedicados a pessoas, ideias e inovação. O cartaz não identifica as empresas portuguesas participantes nem divulga o programa da sua presença. ■

TAMBÉM A GASTRONOMIA NOS PERMITE CONHECER O PAÍS

Portugal merece ser (re)descoberto

Para muitos portugueses que vivem no estrangeiro, regressar a Portugal significa, antes de mais, reencontrar a família. É voltar à casa dos avós, percorrer as ruas da infância e sentar-se à mesa com pessoas cuja ausência nenhum contacto à distância consegue verdadeiramente suprir. Conheço o valor desses reencontros. Creio, porém, que eles podem ser também o ponto de partida para uma descoberta mais ampla do país a que pertencemos.

Nasci na ilha do Pico e passei a infância em São Miguel. Durante esses anos, as férias de Verão levavam-me à Terceira, onde viviam os meus avós maternos, e ao Faial, onde viviam os meus avós paternos. Cada ilha me deixou recordações próprias e contribuiu, à sua maneira, para a formação da minha identidade.

Na Terceira nasceu o meu entusiasmo pelas touradas à corda. Recordo a animação desses dias e a forma como a tradição reunia pessoas de diferentes gerações. Ainda hoje, quando visito a ilha, a minha primeira paragem é na zona da Serreta e dos Biscoitos, para contemplar os touros a pastar. Há uma serenidade particular em vê-los naquela paisagem tão familiar. O sossego do lugar traz-me de volta as férias de infância e os dias passados na companhia dos meus avós maternos. Recordar é viver; por vezes, basta regressar a um lugar para sentir-me de novo a presença de quem ali nos acompanhou.

Há outra paragem na Terceira que me desperta recordações igualmente vivas: o Clube de Golfe da Ilha Terceira. Em miúdo, o meu avô levava-me até lá, numa época em que o clube estava profundamente ligado à presença norte-americana na Base das Lajes. Recordo-me de que tudo o que nos serviam vinha dos Estados Unidos, até as batatas fritas. Beber uma Coca-Cola e comer um hambúrguer com queijo naquele ambiente era, para mim, uma experiência extraordinária. Lembro-me até das máquinas de jogo, que funcionavam com moeda norte-americana. As visitas à base e as compras no BX, a loja destinada à comunidade militar americana, completavam essa descoberta. Fascinavam-me as barras de chocolate e os outros produtos que ali encontrava. Muito antes de viajar para os EUA, tive na Terceira o meu primeiro contacto com a vida americana. Foi, à maneira de um miúdo, um

amor à primeira vista, nascido de experiências simples que nunca esqueci.

No Faial, da casa dos meus avós paternos, na Horta, olhava pelas janelas e via a grandeza da montanha do Pico, a ilha onde nasci. Pelo canal passavam diariamente barcos que ligavam as duas ilhas. Ficava a observá-los, ora seguindo o seu movimento, ora voltando os olhos para a montanha, que parecia permanecer sempre no mesmo lugar à minha espera. Dentro de casa, brincava ao assistente do meu avô, que era dentista e também fazia próteses dentárias. Eu próprio entretinha-me a fazer dentaduras, imaginando que participava no seu trabalho. Hoje compreendo melhor a importância daqueles momentos: observar o meu avô, imitá-lo e permanecer a seu lado era uma forma infantil, mas profunda, de conhecer o seu mundo.

É natural que, ao regressar a Portugal, procure primeiro os lugares onde essas memórias nasceram. Cada emigrante tem os seus. Todavia, a ligação à terra de origem não deve limitar o nosso conhecimento do país.

No Norte, Portugal apresenta-nos paisagens de extraordinária força. As montanhas do Minho e de Trás-os-Montes, as aldeias construídas em pedra e as encostas do Douro testemunham tanto a beleza da natureza como a persistência do trabalho humano. Entre os meus destinos preferidos no continente encontra-se Viana do Castelo. A relação entre o rio, o mar e o monte, a elegância da cidade e a presença das tradições minhotas fazem dela um lugar a que gosto de voltar.

O Porto oferece outra expressão do Norte, com o seu rio, as suas ruas e a personalidade das suas gentes. Mas seria um erro conhecer apenas as grandes cidades. Nas pequenas localidades, uma conversa à porta de casa, uma festa local ou a explicação



impressões de um português na América

■ Por CÉSAR DEPAÇO

lar tanto sobre uma comunidade como um edifício antigo ou uma página de história.

Esta perspectiva parece-me particularmente importante para os portugueses da diáspora. Os dias de férias são muitas vezes escassos e o desejo de estar com a família é, legitimamente, a primeira prioridade. Ainda assim, cada visita pode reservar algum espaço para um lugar desconhecido.

Quando levamos os filhos e os netos connosco, essa escolha adquire um valor ainda maior. Mostrar-lhes a casa dos avós e contar-lhes a história da família ajuda-a a compreender de onde vêm. Dar-lhes a conhecer outras regiões, outras pessoas e outras tradições permite-lhes perceber que a sua herança portuguesa não termina à porta dessa casa. Pertence-lhes também o país que se estende para além dela.

Deixo, por isso, um convite aos portugueses que vivem pelo mundo: na próxima viagem, regressem à terra da família. Reúnem-se com os seus, recuperem as histórias antigas e partilhem-nas com os mais novos. Depois, escolham um lugar que ainda não conhecem. Percorram Portugal de norte a sul, ao ritmo que o tempo permitir, e deem-se a oportunidade de conhecer as pessoas que lhe dão vida.

Foi entre o Pico, São Miguel, a Terceira e o Faial que comecei a conhecer Portugal. Essas ilhas continuarão sempre a chamar-me de regresso. Mas o afecto que lhes tenho é também uma razão para prosseguir viagem e descobrir melhor o país de que fazem parte. ■

■ Esta é uma coluna de opinião do seu autor e não reflete necessariamente a opinião do jornal.

César DePaço

- Empresário e filantropo
- Cônsul *ad honorem* de Portugal entre 2014 e 2020
- Fundador e Director-Executivo da Summit Nutritionals International Inc.®
- Fundador e Presidente do Conselho de Administração da Fundação DePaço
- Defensor incondicional das forças de segurança e dos princípios conservadores